

VELHO ÁLAMO BROTANDO NA RAIZ: A IGREJA CATÓLICA EM COMUNIDADE?

CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (organizadores). **Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2009, 288pp. ISBN: 978-85-7698-034-6.

Flávia Slompo Pinto*

A partir dos anos 1970 e 1980, faz-se notar internacionalmente, entre os católicos, a retomada do ideário de vida comunitária cristã, pelo viés do influxo da espiritualidade fermentada no interior do movimento de Renovação Carismática Católica. No Brasil, este ideário de vida comunitária toma forma a partir de uma dinâmica laica que reinventa os moldes de consagração e cria um tipo de vivência comunitária que se define por uma peculiar apropriação de determinados espaços urbanos e pela centralidade de uma ascese denominada, no léxico nativo, como “carisma”. Com o passar dos anos, estas *novas comunidades* foram se delineando como alternativas à vida comunitária proposta pelas tradicionais Ordens e Congregações da Igreja Católica. Estas comunidades, assim como sua forma de surgimento e legitimação perante a Igreja Católica, acompanham e remodelam uma configuração já bastante conhecida no campo religioso contemporâneo, a saber, a religiosidade midiática, a ritualística do show-missa, louvor e adoração realizados em rincões, ginásios esportivos e estádios de futebol, acompanhados da performance carismática da dança, música e gestualidade, e somados a toda a sorte de produtos da fé, tais como CDs, livros, camisetas, terços, cordões, bíblias estilizadas.

Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno, organizado por Brenda Carranza, Cecília Mariz e Marcelo Camurça, apresenta uma miscelânea de esforços para a compreensão deste fenômeno. A coletânea é composta de capítulos escritos por jovens pesquisadores, na linha de frente do desafio de tornar uma *nova comunidade* em campo de pesquisa; aliados a autores que já há mais tempo trabalham com as mudanças sofridas pelo catolicismo, principalmente no que diz respeito a sua vertente carismática. O argumento central que atravessa a coletânea é a idéia de que a estrutura e as práticas de tais comunidades sinalizam para novos modelos de catolicismo, pautados em mecanismos societários que funcionam a partir de um jogo paradigmático entre convergência e divergência em relação ao catolicismo de massas do qual afloram. Por esta linha argumentativa, os autores da coletânea

* Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (flaviaslompo@gmail.com).

problematizam o significado que o “novo” da expressão “novas comunidades católicas” traz consigo, indagação esta que tem como pano de fundo a relação entre campo religioso e modernidade, em uma dinâmica, à primeira vista contraditória, de uma tradição reinventada (CARRANZA e MARIZ, 2009, p.139) ou um arcaísmo *fashion* (BENEDETTI, 2009, p.29). Pois a agregação dos católicos em torno destas novas comunidades parece compor uma configuração onde ao mesmo tempo se conectam conservadorismo e renovação, problemática já bastante desenvolvida nas atuais discussões acadêmicas acerca da estruturação moral e prática da Renovação Carismática, que porém, se acentua nas práticas e fruições destas novas comunidades.

O livro se dispõe em duas partes: a primeira delas, “A RCC: entre a tradição e a modernidade”, oferece um panorama das transformações sofridas pelo movimento carismático ao longo dos anos, mudanças estas que, acompanhadas de sua estratégia em se posicionar perante a Igreja em termos de uma valorização da tradição conservadora e ao mesmo tempo apostar em comportamentos mais “modernos”, trarão como consequência o aparecimento destes novos dispositivos de agregação com base no “comunitário”. A segunda parte, “Novas comunidades, novos estilos de vida na (pós)-modernidade”, apresenta diversas aterrisagens dentro deste panorama, a partir de produções acadêmicas que se pautaram em esforços etnográficos de pesquisadores que escolheram se debruçar em uma comunidade específica, dentre as tantas hoje existentes.

O capítulo do padre e sociólogo Luiz Roberto Benedetti (p. 17-32) abre a coletânea com uma aguçada discussão a respeito dos processos decorrentes da perda do monopólio institucional da Igreja Católica sobre os valores e normas constitutivos da visão social de mundo. A partir deste viés, Benedetti apresenta diversos exemplos da distância que tal situação instaura entre a experiência religiosa dos fiéis (que caminha em direção a subjetividade e a quebra das mediações do alcance do sagrado) e o ascetismo canônico que a Igreja Católica se esforça em impor (a partir do regramento e da rotinização dos carismas). O autor oferece-nos deste modo uma valiosa contribuição para a compreensão da relação tradição/modernidade nas dinâmicas da Igreja Católica a partir do resgate do pensamento de Antonio Gramsci, argutamente atualizado à luz do pensamento de Michel Foucault e Pierre Bourdieu.

Em “Perspectivas da neopentecostalização católica” (p. 33-58), a socióloga Brenda Carranza analisa características do catolicismo carismático, e diagnostica como estas bases avivadas do religioso criaram um tipo de organização bem diferente daquela tradicional

hierarquia da Igreja Católica. Para Brenda Carranza, este tipo de organização, quase anti-hierárquica e de difícil endurecimento, que surge a partir da própria aparelhagem institucional, foi capaz de estimular o funcionamento das chamadas *novas comunidades* enquanto espaços intermediários de sentido, capazes de oferecer refúgios emocionais a partir de uma configuração comunitária fundamentada como espaço de socialização primária.

O antropólogo Marcelo Camurça (p. 59-78) desenvolve os pares de opostos tradição e meios de comunicação de massa, destrinchando os elementos que compõem o chamado catolicismo midiático. O autor evidencia como as mídias católicas – vídeos, CDs, portais da internet, rádio, programas de televisão - se conectam e se desdobram em barzinhos e aeróbicas de Jesus, formação de bandas de rock cristão, cristotecas e missas dançantes. Camurça conclui que a tradição é sim acessada na modernidade, mesmo sendo sustentada pela mídia. Na contemporaneidade, o acesso à tradição se dá pela via da escolha e da experiência subjetiva e não mais através de uma imperiosa imposição, como supostamente acontecia em tempos pré-modernos.

No artigo “A RCC na Universidade: transformando o campo de conhecimento em campo de missão” (p. 79-105), Carlos Eduardo Procópio, doutorando em Ciências Sociais pela UFJF, apresenta seu estudo sobre o Movimento dos Grupos de Oração Universitários, conhecidos como GOU. O autor compreende que os GOU tentam promover a evangelização católico-carismática na universidade, ao mesmo tempo em que criam uma comunidade emocional entre os estudantes no espaço universitário. O artigo fornece um balanço histórico sobre as mudanças da universidade, que se torna ao longo do tempo num criadouro para a formação para o mercado de trabalho, acoplado a um balanço histórico sobre a presença do catolicismo praticado pelos jovens destes espaços. Para Procópio, o catolicismo institucional romano tenta se posicionar como uma alternativa ao niilismo e individualismo de mercado que hoje caracterizariam a universidade. Já os GOU, ao mesmo tempo em que criticam este projeto de universidade, fomentam a formação de um modelo de ética profissional, e tem como projeto transformar a sociedade a partir da formação de profissionais cristãos, que inseridos no mundo do trabalho, atuem no sentido de liderança em um direcionamento cristão aos mais diversos projetos sociais.

O antropólogo Emerson Sena da Silveira (p. 107-136) analisa a obra *Tarô dos Santos*, de Robert Place, a partir da recepção de uma leitora. O autor traça o perfil da leitora, que dentre suas características, é ministra de Eucaristia, participa de grupos da RCC, frequenta cartomantes e lê o tarô. Emerson Sena da Silveira percebe, a partir da leitura da leitora, traços

de uma busca individualizada de materiais capazes de conduzir a um contato direto com o sagrado – no caso, um contato do leitor, que se dá a partir de sua chave interpretativa com o livro. Esta autonomia frente ao religioso estaria ligada ao modo de ler instaurado pela modernidade, e é ilustrativa de um movimento mais geral da derrocada institucional pelo viés das quebras das mediações para o sagrado.

O artigo “Novas comunidades católicas: por que crescem?” (p. 139-170) inaugura a segunda parte do livro. Nele, as sociólogas Brenda Carranza e Cecília Mariz conectam o crescimento das chamadas *novas comunidades* com o advento histórico de um catolicismo que se abre para a participação do leigo, resultando nos mais variados movimentos no século XX, inclusive o carismatismo, que se destacaria por oferecer ao leigo um contato direto com o sagrado e o sobrenatural. Este acesso a todos os dons do Espírito Santo tem permitido que se legitimem o surgimento de diversos líderes que sentem um “chamado” para fundar uma comunidade. As autoras apresentam um panorama bastante detalhado das principais *novas comunidades* e o posicionamento destas comunidades perante vertentes do catolicismo; além de oferecer uma análise refinada sobre o por quê do sucesso destas comunidades entre a classe de idade que mais se aproxima deste novo modo de ser católico, a juventude.

O cientista da religião Rodrigo Portella, em “Medievais e pós-modernos: a Toca de Assis e as novas sensibilidades católicas juvenis” (p. 171-194), nos apresenta o *modus operandi* da relação entre juventude e renúncia, pobreza, altruísmo, ideais e contracultura dentro da comunidade Toca de Assis. A partir de depoimentos dos pertencentes da comunidade, análise de seus espaços de morada e evangelização, e análise da composição e uso de seus corpos, o autor destaca a convivência de fatores bastante conservadores do catolicismo com elementos colados a uma sensibilidade juvenil contemporânea, que na opinião de Portella, fazem dos jovens da Toca de Assis “os mais modernos jovens da modernidade”.

A cientista social Eliane Martins de Oliveira (p. 195-222) nos apresenta os caminhos que percorreu para tentar compreender o modo Canção Nova de ser. Partindo das controvérsias de recepção do resultado de sua pesquisa, e da discussão gerada por seu posicionamento em campo, a autora destrincha os significados das expressões “de vida” e “no Espírito” que a comunidade Canção Nova forja para se auto-adjetivar. Com isso, a autora percebe como a estrutura cosmológica desta comunidade constitui-se como uma permanente movimentação que tem como engrenagem um devir-místico da descoberta e revelação.

Em “Expansão da RCC brasileira: a chegada da Canção Nova em Fátima-Portugal” (p. 223-240), o sociólogo Eduardo Gabriel nos fornece um caso de expansão missionária que relativiza o adjetivo “tradição”, caracterizador das *novas comunidades*, quando confrontado com uma outra tradição, a tradição do catolicismo europeu. Encontrando dificuldades de aceitação em território português, as práticas da Canção Nova eram estranhadas porque na opinião dos portugueses, fugiam à tradição católica. Diante das relações de um passado colonial entre os dois países, o autor analisa a missão de recatolização de Portugal que se pretendem os brasileiros.

Ao tratar da comunidade Shalom pelo viés da construção social de suas vocações, as sociólogas Cecília Mariz e Luciana Aguilar (p. 241-266) nos apresentam a centralidade de uma narrativa que considera a vocação como um “chamado de Deus”, o qual é capturado, pelos vocacionados Shalom, através de experiências místicas como o ouvir, sentir e o falar com Deus. As autoras discutem ainda, como esta vocação pautada na mística conduz a uma transformação espiritual e individual entre os vocacionados, sinalizando assim, para um individualismo religioso nos processos dinâmicos da religiosidade carismática.

A coletânea se encerra com a análise, de autoria da antropóloga Roberta Bivar Carneiro Campos e da cientista social Carla Patrícia Ribeiro Caminha (p. 267-288), sobre a identidade da mulher cristã, partindo de um estudo de caso na comunidade Obra de Maria. Para as autoras, a comunidade Obra de Maria instaura uma rearticulação da figura da mulher cristã, deixando de lado a figura feminina submissa e desvalorizada pela hierarquia romana, propagada pelo catolicismo de outros tempos; e preferindo uma outra, a da mulher (consagrada ou leiga) agente ativa, na linha de frente das lideranças de evangelização.

Leitura obrigatória para aqueles que, de alguma forma, se interessam pelas dinâmicas do catolicismo contemporâneo, este livro nos traz a instigante idéia de que a moral e a pragmática cotidiana contida nestas *novas comunidades*, e a intervenção ou não da Igreja Católica, enquanto instituição, sobre suas práticas, podem oferecer valiosas pistas acerca das respostas católicas (seja em termos da instituição ou de seus fiéis, em uma via que é de mão dupla) à chamada “derrocada” do catolicismo enquanto religião, outrora monopólio, num mundo onde a verdade já não é uma só. Se tais respostas virão na forma de fortalecimento da Igreja, a qual, tal como Antonio Gramsci (*Cadernos do Cárcere vol. 1 e vol. 4* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004) apontou, obtém unidade religiosa via endurecimento institucional de avivamentos insurgentes; ou se virão na forma de uma Igreja Católica amolecida em prol de um cristianismo cujas mediações entre secular e sagrado se pautam na

experiência religiosa, na emoção e em uma organização não-hierárquica, disposta em redes de irmandade afetiva, a fruição cotidiana destas novas comunidades parece conter em si um precioso indicativo.

Recebido em: 12/01/2011

Aprovado em: 23/05/2011